

MORTE NO MAR

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

O naufrágio do transatlântico Costa Concórdia, um gigante de 1.500 cabines, capacidade para 5.000 pessoas, 290 metros de comprimento e dotado das mais modernas técnicas de navegação suscita algumas reflexões.

A ciência, como instrumento de controle do homem sobre o mundo exterior, para dominá-lo segundo seus interesses e desejos, atinge nos dias atuais seu ponto mais alto. A ciência é o último passo no desenvolvimento espiritual do homem e pode ser considerada como a mais alta e mais significativa conquista da cultura humana, segundo Ernst Cassirer.

Por ela, domina as forças naturais, captando-as para seu domínio e colocando-as a seu serviço. A ciência produz um milagre a cada dia e demonstra a força do espírito humano sobre as coisas. Chega-se a pensar que pouco resta para fazer e, em breve, o homem se mostrará como dominador absoluto de todas as coisas. Mas este estágio será o ápice da grandeza humana ou o perigo de sua destruição?

A ciência é o saber mecânico sobre a matéria, para dar uma explicação satisfatória do mundo que nos cerca. (Karl Popper). Nada diz sobre a conduta humana. Porém o homem não age apenas na área do conhecimento científico e da matéria. O comportamento ético é inseparável de sua vida e o envolve tanto quanto a conquista científica. Ao constituir a sociedade em que vive, necessária para sua sobrevivência e realização, o homem tem de perguntar: como agir nestas comunidades de tal maneira que cada um contribua para o bem estar próprio e dos demais? De onde retirar estas regras e colocá-las como instrumento de um relacionamento justo é útil com as outras pessoas, com quem passamos a existência e levamos a vida?

Neste sentido, pouco sabemos e quase nada evoluímos. Se Aristóteles voltasse, sofreria dois espantos: sua ética é a mesma e serviria para o homem moderno, como serviu para o grego de seu tempo, três séculos antes de Cristo. Porém teria um colapso ou uma grande comoção, ao ver aviões, transatlânticos, eletricidade, automóveis, energia atômica. O desenvolvimento da técnica na certa o chocaria.

Esta evolução grandiosa entranhou-se de tal forma na vida do homem que provocou uma alienação coletiva. A técnica faz tudo. Como toda transformação é ambivalente, é preciso de um juízo de valor para julgá-la, pois tudo pode servir para o bem e para o mal. A energia atômica pode destruir o mundo como pode ajudar o homem em tudo que faz,

desde a medicina até a produção da energia. Mas a opção já não é mais da técnica e da ciência, mas do homem. Daí a indagação: estamos aptos a fazê-la? Somos capazes de escolher e optar pelo melhor e desprezar o ruim ou faremos o contrário?

Não sabemos. O fato é que o homem moderno se entregou ao mito da grandeza. Os transatlânticos gigantes, os aviões capazes de transportar quase mil passageiros, a maravilha dos computadores, a cura milagrosa das doenças.

Se tudo isto é um bem, tudo pode também transformar-se repentinamente numa mal. Nas coletividades de qualquer espécie alienamos nossas vidas e reações a um grupo de pessoas, desde o condutor de um navio até os chefes de estado, que decidem sobre nosso futuro e nossas vidas. Quando tudo funciona, rendemos graças à ciência, mas quando estes homens falham pagamos caro com nossos sacrifícios.

Para melhor viver o homem aliena-se. Não cuida da política verdadeira, das escolhas certas, não se aperfeiçoa do ponto de vista ético, não reflete. Esquece-se de que, por mais desenvolvida que seja a ciência, não está nela, mas no homem, a opção pelo uso bom ou mal que dela se fizer.

O exemplo está no Costa Concórdia: pergunta-se pela responsabilidade deste comandante que deixou crianças lançadas ao mar e cuidou de salvar-se. E as tecnologias de sua profissão em pleno século vinte e um? Utilizou-as corretamente? Pensou nas quatro mil pessoas que dependiam de suas decisões? Foi capaz de tomá-las?

Eis o problema. Não podemos fazer tudo. Temos que entregar a alguém o poder de agir em nosso nome. Qual a certeza que temos de que agirá corretamente?

Todas estas perguntas estão aí, mas não sabemos como respondê-las. No meio do mundo maravilhoso da ciência, está o homem solitário perguntando por seu destino.